

## PREÂMBULO

A 7ª Mesa-redonda de Primavera do Porto, sob o tema “Arquitectando Espaços: da Natureza à Metápolis”, realizou-se na Faculdade de Letras da Universidade do Porto nos dias 28 e 29 de Março de 2003. A organização esteve a cargo do DCTP da FLUP.

Posteriormente, e adentro de uma prática de parcerias que permitam criar e sedimentar iniciativas em rede, sobretudo quando nelas participem pessoas que pertencem simultaneamente a várias das instituições envolvidas, foi decidido que o CEAUCP (FCT) se associaria ao evento, através da co-edição das respectivas “Actas”, constituídas pelo presente livro.

Este dá assim continuidade à série de publicações iniciadas neste mesmo ano de 2003 com a obra “Recintos Murados da Pré-história Recente”, da responsabilidade dos mesmos editores, e coordenado por S. O. Jorge. Em ambos os casos o número de volumes impressos fica dividido igualmente pelas duas instituições, encarregando-se cada uma delas de promover a respectiva divulgação no mundo científico.

A “institucionalização” das “mesas-redondas de primavera” – que continuam a ser uma actividade regular e cíclica, mas passaram agora do estatuto de iniciativa de pequenas associações (SPAЕ, ADECAP) para o de uma realização de âmbito universitário – não foi feita de ânimo leve, nem por um acaso de circunstância.

Na verdade, a experiência dos primeiros seis anos e das suas correspondentes seis mesas-redondas (temas: arqueologia, 1997; arqueologia e outros patrimónios, 1998; o património e os média, 1999; ambiente, cultura e desenvolvimento, 2000; identidade, identidades, 2001; as imagens “que nos vêem”, 2002) revelou-se frutuossíssima, inovadora, mas também com alguns riscos.

O modelo consistia em não haver comunicações formais, e em se gravar todos os debates, posteriormente passados para papel e revistos pelos intervenientes. O trabalho que isso acarretava ao signatário não seria razão para não prosseguir nos mesmos moldes. O principal problema era ficarmos dependentes, para a publicação (que é o que verdadeiramente interessa como elemento de estudo e reflexão) de um registo sonoro perfeito, e de uma revisão apropriada por parte de todos os intervenientes (convidados e “público”), o que nem sempre foi fácil de conseguir em tempo útil. Por outro lado, pequenas associações dispõem de estruturas frágeis, financeiras e organizativas, acrescendo, ainda, que os editores portugueses não estão interessados em publicar livros resultantes de reuniões com aquele formato, onde apenas haja discursos na “primeira pessoa”... o que é de lamentar, pois assim tais obras alcançariam um

muito maior público e uma muito maior utilidade.

De modo que, entre 1997 e 2002, recaía sobre um indivíduo, afinal de contas, uma tarefa ciclópica, que, ainda por cima, acabava por resultar num livro nem sempre bem distribuído (muitos foram aliás os exemplares oferecidos) sem a contrapartida, várias vezes tentada, de se conseguir reunir em obra de maior expansão várias mesas-redondas com certa unidade temática. Talvez um dia isso aconteça, quando alguns decisores (incluindo editores com maior sentido de risco, e atitude de “agressividade” positiva, na acepção económica) finalmente se aperceberem de toda a importância que uma iniciativa destas tem para a cultura do nosso país... a qual habitualmente gira sempre em torno de certas figuras, lugares e temas, estigma que há que superar.

É de facto possível produzir e – já que o ar dos tempos vai nesse sentido – vender coisas de muita qualidade, sobre áreas emergentes de actividade, que estão a ganhar importância crescente. O “património”, como envolvente que é (quase sinónimo de “valor”), e sua expansão, é uma daquelas áreas, e vai continuar a surpreender muita gente, que pensa ainda de forma antiga, e, neste país, tende a “pensar pequeno”, inclusivamente julgando que se trata de um tema gasto.

Sem se querer ser profeta, é óbvio que se pode afirmar com toda a certeza que haverá uma avidez dada vez maior, enorme mesmo, em relação a tudo quanto diga respeito ao mais essencial da vida das pessoas, à sua realização como seres humanos, uma vez satisfeitas as condições elementares de existência, e desde que as escolas, as famílias, o meio, sejam favoráveis a habituar as crianças e jovens a lazeres de qualidade, e não de tipo embrutecedor, como predominantemente ainda acontece. Continuo a acreditar na democracia, na educação generalizada, e nos ideais solidários que levarão séculos a concretizar-se, mas serão, provavelmente, inelutáveis – a longa batalha do ser humano pela sua emancipação e dignidade, e pela sua realização como produtor do seu próprio destino, individualmente e em comunidade.

“Institucionalizando” este ciclo de debates – que se podem considerar uma espécie de modalidade portuguesa dos “Entretiens du Patrimoine” que se fazem em França – e dando-lhe um carácter mais formal (embora sacrificando um pouco os espaços de diálogo, que aliás acabam por não ser publicados) tentamos assegurar a sua sobrevivência, mantendo o que de essencial a iniciativa tem. E o essencial é a sua transversalidade temática, o seu carácter não “académico” (no sentido pejorativo do termo), o facto de constituírem actos de comunicação e espaços de diálogo que não são frequentes, com a profundidade e abrangência pretendidas. Através destes debates, destas mesas-redondas, é o espírito da Universidade que se afirma na sua mais lídima característica: interdisciplinaridade, crítica e auto-crítica, colaboração entre docentes/ /investigadores e discentes, enfim, numa palavra, qualidade e dinamismo para a produção e divulgação do saber novo.

O tema desta mesa-redonda foi o da organização do espaço pelo ser humano e pela sociedade – não tanto nas suas facetas “funcionais” ou práticas, mas no seu aspecto significativo, semiológico. Como é óbvio, os dois elementos estiveram sempre profundamente interligados, na história da humanidade. O “processo de hominização” é, também, um processo de criação de um espaço humano. O ser humano é um ser ávido de ordem, ordem que precisa de implementar em termos espacio-temporais, criando balizas e mnemónicas de toda a sorte, para se poder sentir “em casa”. Sem esse sentimento de segurança e de confusão entre si, o seu corpo, e a envolvente (física, social) é impossível desenvolver uma vida, uma actividade relacional, constituir uma identidade.

No fundo, tratou-se, nesta mesa-redonda, de perguntar por que é que, e como, é que o espaço é vivido, representado, modificado na vida de todos os dias, constituindo (a várias escalas) não só o “cenário” da acção das pessoas, mas também as próprias pessoas, “formatando” inconscientemente essa sua acção, na medida em que o espaço em que vivemos e onde circulamos condiciona, promove situações, atmosferas, comportamentos, distinções, estatutos, etc.

Como programa de trabalhos, não se tratava tanto de descrever sítios, objectos ou paisagens, de apresentar “estudos de caso”, mas sim de reflectir na relação entre espaço(s) e cosmovisão(ões), tentando concentrar-nos nas ideias-força. Mas, obviamente, um programa é sempre para não ser cumprido... há uma mesa-redonda que se projecta, uma que se realiza, e outra ainda que acaba por se plasmar num livro. Trata-se de um “working process” a que só a publicação ritualmente põe fim.

Que visão poderá ter tido do mundo uma sociedade de caçadores-recolectores? Qual a relação, com o espaço, dos agricultores, tão diversificados de uma região para outra do planeta? Que significou viver na cidade antiga, medieval, barroca, moderna, e agora pós-moderna? Em que é que se está a transformar o mundo, pela extensão das grandes urbanizações, e consequente alteração, e recomposição, da ruralidade, com a aceleração generalizada, a comunicação de informação rápida, a incrementação dos transportes e do turismo de massas, a homogeneização cultural, e a emergência de “novas culturas” e “tradições” por todo o lado?

Como encontrar sentido nos espaços, e nos dispositivos, que parecem encenar a definitiva perda de sentido de qualquer busca de “um sentido”? Que nos pode dizer a “arte”, senão a sua própria morte? Como fazer o luto dos espaços tradicionais, e entre o património, a nostalgia do passado, e a fuga em frente, encontrar um espaço (espaços) de repouso, de encontro, de vivência aprazível? Como achar momentos de paraíso, de equilíbrio, no que parece ser uma corrida infernal?... Em que é que os nossos espaços quotidianos contêm ainda, pregnancies, novas formas de diálogo e de convivibilidade?... Foi sobre isto – e outros tópicos que os participantes pudessem querer

abordar – que a todos convidámos a pensar em comum, lançando-lhes um árduo desafio.

A esse desafio corresponderam muitos colegas (como se poderá ver pelo programa que se transcreve, em anexo), a quem profundamente agradeço, só lamentando não poder aqui reproduzir os textos das comunicações de todos, dado algumas não terem sido entregues (mau grado os nossos esforços), certamente que por razões absolutamente imperiosas.

Desejo concluir, agradecendo toda a disponibilidade prestada pelo secretariado do DCTP da FLUP (Dra Raquel Sampaio e D. Sandra Carneiro), muito para além do que seria exigível, bem como a colaboração voluntária de um grupo de estudantes da mesma FLUP. Igualmente quero deixar aqui expresso o meu reconhecimento à Litografia AC, da Braga, pelo apoio concedido.

Porto, Janeiro de 2004  
*Vitor Oliveira Jorge*  
 Coordenador da mesa-redonda  
 Prof. do DCTP-FLUP

## P R O G R A M A

### DIA 28 DE MARÇO MANHÃ

- |             |   |
|-------------|---|
| 09,20 horas | Alocução inaugural pela Presidente do DCTP, Natália Marinho Ferreira-Alves  |
| 09,40 horas | Quando o ser humano deixou de ser natural, por Vitor Oliveira Jorge (DCTP)  |
| 10,00 horas | Cenografias monumentais pré-históricas, por Susana Oliveira Jorge (DCTP)  |
| 10,20 horas | Escrever na paisagem – sentidos para as “artes rupestres”, por Maria de Jesus Sanches (DCTP)  |
| 10,40 horas | De como solidariedades e distanciamentos sociais construíram os espaços na Idade do Ferro e na época romana; e de como os espaços reforçaram aquelas proximidades e distâncias, por Jorge de Alarcão (FLUC) |
| 11,00 horas | Aspectos do povoamento da época romana e alto-medieval na bacia superior do rio Neiva, por C. A. Brochado de Almeida (DCTP)   |
| 11,20 horas | A paisagem na Proto-história: expressões simbólicas e rituais, por Ana Maria Bettencourt (Univ. Minho)  |
| 11,40 horas | Debate – coordenação de S. O. Jorge   |
| 13,00 horas | Interrupção para almoço.  |

## TARDE – 1

- 14,30 horas Formas de organização do território na Idade Média, por José Marques (DCTP)
- 14,50 horas Uma paisagem com castelos, por Mário Barroca (DCTP)
- 15,10 horas Quando as casas se queriam pequenas (pensar o espaço na Idade Média), por Luís Miguel Duarte (DH-FLUP)
- 15,30 horas Arquitectando Portugal: Orlando Ribeiro e a arqueologia, por João Carlos Garcia (DG-FLUP)
- 15,50 horas Formas de organização do espaço sacro barroco, por Natália Ferreira-Alves (DCTP)
- 16,10 horas Debate – coordenação de José Marques
- 17,00 horas Intervalo.

## TARDE – 2

- 17,30 horas Os espaços urbanos que construíram a modernidade, por Francisco Ribeiro da Silva (DH-FLUP; Vice-Reitor UP)
- 17,50 horas A cidade e os espaços industriais - algumas glosas sobre o caso do Porto, por Jorge Alves (DH-FLUP)
- 18,10 horas As cidades globais: arquitecturas, imagem, urbanismo em espaços difusos, por Fernando Matos Rodrigues (ESAP)
- 18,30 horas O projecto heterotópico da cidade contemporânea, por Paulo Castro Seixas (Univ. Fernando Pessoa)
- 19,00 horas Debate – coordenação de Natália Ferreira-Alves
- 19,30 horas Fim dos trabalhos do primeiro dia.

## DIA 29

## MANHÃ

- 09,40 horas Simplificar o passado para unificar o presente: estratégias identitárias e patrimonialização na área metropolitana de Lisboa, por Filomena Silvano (FCSH-UNL)
- 10,00 horas Superação do espaço periférico na construção da cidade metropolitana, por Carlos Guimarães (FAUP)
- 10,30 horas Os novos espaços da Cultura, por Nuno Grande (DARQ/FCTUC)
- 11,00 horas Territórios patrimonializados – centros históricos e metropolização, por Paula Mota Santos (Universidade Fernando Pessoa)
- 11,30 horas O consumo da cidade e a cidade do consumo, por Pedro Barreto (ARCA-EUAC/ESG)
- 12,00 horas A vitrina de Chatwin, por Luís Urbano (FAUP)
- 12,30 horas Debate – coordenação de Vítor Oliveira Jorge
- 13,00 horas Fim dos trabalhos.

